



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

A SACRALIZAÇÃO DO ESPAÇO NO TEMPLO CENTRAL IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS EM FORTALEZA A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS FIÉIS

THE SACRALIZATION OF SPACE AT CENTRAL TEMPLE IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS AT FORTALEZA BY MEANS OF THE FAITHFUL PERCEPTION

(Recebido em 22-11-2016; Aceito em: 29-09-2017)

Christovam Reis dos Santos Filho

Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará
Professor da rede estadual de ensino da Secretaria de Educação do Ceará
santosfilho20@gmail.com

Resumo

Este texto apresenta uma contribuição para os estudos na Geografia da Religião, por meio de uma interpretação dos geossímbolos apresentados pelas formas simbólicas espaciais da Igreja Universal do Reino de Deus – Templo Central de Fortaleza (IURD-TCF)¹. Nosso objetivo é compreender como este espaço se sacraliza a partir da percepção dos fiéis que o frequentam. Partimos de concepções teóricas referentes ao entendimento de espaço sagrado e percepção. Como procedimentos metodológicos, além das leituras referentes ao tema, utilizamos também entrevistas semiestruturadas para coleta de informações por meio de visitas em campo. A partir destes procedimentos, consideramos que esta igreja é um geossímbolo para os fiéis, que por meio dos significados que atribuem ao templo encontram nele uma fonte irradiadora do sagrado, sendo este legitimado pelos dirigentes que promovem o discurso de poder e conquista que se materializa pela monumentalidade do templo, destacando-se o altar cuja função essencial é a concretização de uma centralidade simbólica para aqueles que buscam a sacralidade.

Palavras-chave: Espaço Sagrado; Igreja Universal do Reino de Deus; Percepção.

Abstract

This text shows a contribution to the geography of religion studies, through the interpretation of the geosymbols introduced by the spatial symbolic forms of Igreja Universal do Reino de Deus – Central temple of Fortaleza. We aim to understand how this space sacralize itself by means of the faithful perception who attends the space. We start of teorical conceptions that are linked to the understanding of the sacred space and the perception. Methodologically, beyond the Reading about the theme, we use semi-structure interviews by fild resesearch to gather information. We consideres that this church is a geosymbol to the Faithful, that through the meanings that they assign to the temple they find in the espace na irradiating source of sacred, been this space legitimized by de leaders that promote the speach of power and conquest that materialize itselfs by the monumentality of temple.

¹ Sigla a ser usada daqui em diante para designar o templo estudado.

Keywords: *Sacred space; Igreja Universal do Reino de Deus; Perception.*

Introdução

Este texto é parte da nossa pesquisa de mestrado sobre a busca de entendimento para a relação entre Geografia e Religião, a partir das vivências do grupo e dos significados construídos em um espaço simbolicamente sacralizado. O recorte empírico é o templo central da Igreja Universal do Reino de Deus em Fortaleza. A Igreja Universal, como popularmente é chamada, caracterizada como uma igreja neopentecostal, segundo a classificação usada por Mariano (2012).

Ela possui grande repercussão midiática e está geograficamente presente, por meio de seus templos, em várias cidades do Brasil e do mundo. Atrai adeptos de várias igrejas e também pessoas de outras religiões, como as afrodescendentes. Neste contexto, cabe ao geógrafo entender os nexos entre as formas espacializadas socialmente e os movimentos religiosos.

Nosso objeto se localizada na Avenida Tristão Gonçalves, 613, Centro de Fortaleza, sendo o maior templo desta instituição na cidade. Faz parte da paisagem do Centro devido a grandiosidade do templo, mas também por ser representante da IURD, que por sua vez tem grande propagação no cenário nacional, além de ser uma das mais populosas do país em número de adeptos (IBGE, 2010).

Como um espaço que abarca uma parcela da população e tem em seu templo sua representação máxima da instituição na cidade, cabe então uma reflexão acerca desta igreja. Fazemos isto ao questionar: como o espaço sagrado da IURD-TCF é percebido pelos fiéis? Para responder este questionamento, buscamos conhecer melhor este espaço e a partir das falas de seus frequentadores compreendermos como a igreja se insere enquanto espaço sagrado.

Problematização

Nosso trabalho faz parte dos estudos culturais na geografia que fornece uma abordagem mais humanista ao conceito espacial, inclusive na valorização do vivido por meio das experiências dos sujeitos. Ou seja, “o seu conhecimento é sempre baseado na percepção que eles têm sobre a superfície da terra, e sobre as representações que eles compartilham dela.” (CLAVAL, 2011, p. 16). Assim, a religião também é uma manifestação espacial, pois resulta das percepções dos símbolos existentes no espaço.

Seguindo esta ideia, concordamos com Oliveira (2012, p. 144) quando diz que “o espaço, na perspectiva do espaço vivido, como já dito, é, basicamente, o conjunto de representações simbólicas.”. Essas representações são vivenciadas durante os encontros, nos quais são transmitidos novos significados aos objetos e vinculados ao grupo criando novas identidades e maneiras de vivência.

Salientamos os estudos da geografia da religião. Se compactuarmos com a ideia de Fickeler (1999, p. 8), então “a geografia da religião trata acima de tudo da religião cerimonial de mais importante expressão geográfica.” Contudo, além dos atos cerimoniais, atentamos também para as marcas espaciais produzidas por fins religiosos. É o caso de nosso empírico, pois é uma marca na paisagem de Fortaleza, pelo menos para quem frequenta o Centro da cidade.

Metodologia

Traçamos dois procedimentos. Primeiramente construímos um arcabouço teórico-metodológico que nos conduz neste trabalho. Reunimos alguns autores que trabalham a religião na geografia e outros pesquisadores que abordam os conceitos aqui utilizados. As leituras permearam o entendimento de espaço sagrado, formas simbólicas espaciais, geossímbolo, catedral e monumentalidade.

Além disto, utilizamos a fenomenologia como método, uma vez que a experiência é uma fonte interpretativa de entender o mundo no qual fazemos parte. Temos por base metodológica que as categorias geográficas, “na perspectiva fenomenológica da experiência vivida, são aspectos fundamentais da unidade do ser humano, indivisíveis do ambiente mundano: são modos geográficos de existência.” (MARANDOLA JR., 2012, p. 90, grifos do autor). Consideramos importante destacar esse método, pois ele considera a subjetividade dos fenômenos, em nosso caso, fenômeno geográfico. Diferentemente dos métodos positivista e materialista histórico-dialético, a fenomenologia percebe que os fenômenos espaciais são complexos e a subjetividade deve se fazer presente também nos estudos acadêmicos.

Partimos da fenomenologia de Merleau-Ponty (2011) na qual busca a essência do fenômeno, de modo que interpretamos as entrevistas à luz do entendimento de que o corpo é o agente conectivo entre o ser e o espaço. Ele diz que “na espacialidade, [...] o corpo é o terceiro termo, sempre subentendido, da estrutura figura e fundo” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 147). Ou em outras palavras, “toda experiência corporal é por definição e princípio uma experiência espacial.” (LIMA, 2010, p. 67). Logo, a percepção dos fiéis/usuários do templo nos interessa para uma interpretação do espaço sagrado, pois, parafraseando Souza (2012), a partir da experimentação dos sujeitos conseguimos entender a construção espacial como uma vivência.

O segundo passo constituiu-se de visitas em campo e entrevistas. A princípio visitamos o templo para realizar observação participante, como maneira de interagir com os fiéis e apreender as formas espaciais, bem como o funcionamento da igreja. As visitas culminaram na descrição que fazemos do objeto empírico, destacando desde sua localização até os detalhes internos que chamam a atenção dos fiéis.

Juntamente com a descrição do objeto, as visitas em campo nos forneceram meios para coleta de entrevistas. As entrevistas ocorreram entre as reuniões, em variados dias da semana, conforme disponibilidade dos entrevistados.

Ao buscarmos a percepção dos fiéis para analisar nosso empírico, buscamos contemplar uma forma de coleta que elucidasse elementos que viessem a somar com a observação realizada durante a pesquisa. Nossa análise se pauta na observação direta da igreja e seu entorno e entrevistas semiestruturadas com fiéis da catedral da IURD de Fortaleza.

Em relação ao modelo de entrevista, procuramos um método qualitativo. Optamos por entrevistas qualitativas semiestruturadas. As entrevistas semiestruturadas “combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto.” (BONI e QUARESMA, 2005). Elas têm como finalidade, analisar e interpretar geograficamente as impressões que os fiéis têm daquele espaço.

Focamos nossas entrevistas aos fiéis, uma vez que os pastores não cedem entrevistas sem autorização do bispo. Este, por sua vez, não foi encontrado para conversar conosco, devido indisponibilidade de agenda. Assim, os fiéis foram o alvo das entrevistas. Dos que aceitaram a responder, contamos com 23 entrevistas escritas, nas quais utilizamos para nossa interpretação. A estrutura da entrevista contempla três enfoques. O primeiro com informações gerais, como nome, idade, grau de escolaridade e bairro de residência. O segundo enfoque sobre as preferências do fiel quanto ao local, o que lhe chama a atenção no templo e sua vantagem sobre as igrejas locais da IURD. O terceiro está relacionado à compreensão que o fiel tem de sagrado e como ele associa o templo ou elementos compostos nele a um espaço sagrado. Ressaltamos que na nossa entrevista deixamos o entrevistado à vontade para responder ou não as perguntas e também lhe reservamos o direito de não divulgar sua identidade ou informações que não quisesse repassar.

Referencial teórico

Como analisamos uma igreja, resgatamos o conceito de espaço sagrado. Partimos do entendimento de espaço sagrado como “um campo de forças e de valores que eleva o homem a si mesmo, transpondo-o para um meio distinto daquele no qual transcorre seu cotidiano.” (ROSENDAHL, 2008, p. 7). Este meio distinto pode ser representado por templos, montes, árvores ou qualquer lugar onde a experiência com o sagrado é vivida e aceita pelo grupo.

Contudo, ressaltamos que o espaço sagrado não é somente o concreto, o local físico, mas também as relações e trocas simbólicas existentes no espaço. Concordamos com Pereira (2014, p. 114) quando diz: “o espaço sagrado poderia ser destacadamente uma conjunção de espacialidades da

experiência religiosa; ao invés de unicamente ser uma base fixa locacional.”, pois somente o local fixo não esgota as possibilidades do sagrado. O sagrado pode se manifestar em locais não demarcados fisicamente.

Ainda assim, o espaço sagrado possui uma sensibilidade que é materializada. Ou seja, “o espaço sagrado é produto da consciência religiosa concreta, e, nesse caso, não é possível a separação entre posição e conteúdo, pois o último parte de uma consciência do vivido plenamente sensível.” (GIL FILHO, 2008, p. 71). A sensibilidade parte da experiência vivida do homem com o espaço, do fiel com o templo.

A nossa pretensão é discorrer sobre a dimensão simbólica existente na forma do templo, mas o sagrado não está totalmente atrelado ao templo, como se dependesse deste para existir. Desse modo, conjecturamos que o espaço sagrado é carregado de uma dinamicidade, onde “não se refere apenas a um espaço localizável/um lugar, mas diz respeito a uma série de experiências religiosas que conjuntamente estruturam a dimensão da esfera religiosa”. (PEREIRA, 2014, p. 114). Essas experiências partem dos sujeitos e pela sua percepção, no qual funda uma compreensão do fenômeno, que é vivida espacialmente.

Assim, a relação entre o espaço sagrado e o espaço profano se estabelece pela interdependência. Nesse processo, concordamos que o espaço sagrado exhibe uma tipografia de três níveis:

(a) *fixo*; (b) *não fixo* ou *móvel* e (c) o *imaginalis*. [...] São exemplos relacionados: (a) aos santuários, pois envolvem lugares de concentrações de fiéis; (b) aos espaços de mobilidade do sagrado e; (c) aos recintos de qualidade *numinosa* que os distingue do espaço cotidiano. (ROSENDAHL, 2014, p. 14. Grifos da autora)

Assim, o espaço sagrado emerge através de práticas simbólicas, mas associado a diferentes formas de captação do sagrado, ora em um local delimitado, ora pela mobilidade, ora pelo imaginário, independente de onde esteja.

Relativamente ao espaço profano Contudo, compreendemos como um espaço onde existe também o sagrado, porém não de maneira exclusiva. Isso quer dizer que os espaços profanos são continentes de elementos mundanos e sagrados simultaneamente, como uma faixa de transição. Para melhor esclarecer, podemos dizer que o espaço profano é o “conjunto de atividades percebidas pelo espectro religioso, que anuncia, prepara e conduz ao sagrado seja por atração ou repulsão, mas não se confunde com seu mistério inefável.” (OLIVEIRA, 2011, p. 95). Uma vez que o sagrado é o “centro do mundo” (ELIADE, 1979), então é pela repulsão ou atração de elementos, a partir do sagrado, que se

qualifica o profano. O espaço profano é uma condução para o espaço sagrado, pois quando se chega a este é porque os elementos profanos são minimizados ou isentos do lugar.

Destarte, os espaços religiosos são resultantes da relação envolvida entre o espaço sagrado e o espaço profano, mas não de maneira oposta uma a outra, mas antes de proximidade e interdependência. No caso dos templos, essas relações se moldam por suas formas espaciais que exercem explicitamente a função religiosa, evidenciado por formas simbólicas compartilhadas por um grupo.

Geograficamente, “As formas simbólicas tornam-se espaciais quando estão diretamente vinculadas ao espaço, constituindo-se em fixos e fluxos, isto é, localizações e itinerários, que são atributos primários da espacialidade.” (CORRÊA, 2012, p. 137). Estas formas são atribuídas de significados para grupo que o vivencia, gerando geossímbolos.

Tomamos nossa compreensão deste conceito a partir da definição proposta por Joël Bonnemaison, quando ele afirma que

um geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade. (BONNEMAISON, 2002, p. 109)

Os geossímbolos possuem um poder identitário que promove aos sujeitos a ação de vivenciar um lugar. “Essas representações simbólicas revestem-se de um poder que gera um interacionismo entre as formas espaciais e o sujeito” (COSTA, 2009, p. 49). O sujeito vivencia e modifica o espaço pelas interações simbólicas com o lugar.

Para melhor apreensão de nosso objeto, temos nas formas do templo dois conceitos que são transmitidos aos fiéis da IURD. O primeiro deles é catedral. Referimo-nos à IURD como catedral porque “as catedrais são recriações que expressam a forma como a IURD se pensa e pratica a religião” (GOMES, 2011, p. 135). Ou seja, a instituição se apresenta espacialmente como um espaço de conquista, no qual a catedral é símbolo de confirmação e presença da igreja. Isto é repassado aos membros e mesmo com a construção de outros templos, são as catedrais que exercem a simbologia de poder da igreja nos locais em que são instalados.

O outro conceito a ser explícito aqui é o de monumentalidade. Entendemos que “a monumentalidade é tudo aquilo que o monumento transmite, não apenas como objeto material, mas também pelos valores e mensagens que comunica.” (SOARES, 2013, p. 78). De maneira que as formas simbólicas espaciais da IURD-TCF são mais que uma demonstração de poder, é uma conjuntura de símbolos e valores que a instituição tem e são repassadas ao grupo, reforçando sua

identidade enquanto iurdiano, isto é, aqueles “que mantêm identificações parciais com seu sistema de crenças e práticas, que transitam por seus templos, comungam nas suas ideias e ajudam com a presença e apoio financeiro, a manutenção desse empreendimento.” (CAMPOS, 1997, p. 15). A monumentalidade do templo é a representação de como o fiel deseja viver neste mundo.

Resultados e discussão

Primeiramente, devemos estabelecer uma delimitação de que instituição religiosa analisamos. O nosso empírico é uma igreja classificada como neopentecostal. Utilizamos este termo a partir da definição proposta por Mariano (2012) e a classificação histórico-constitucional de Freston (1992). Segundo este autor

A primeira onda é a década de (1910), com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911) [...] A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início dos anos 60, [...] surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962) [...] A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). (FRESTON, 1993, p. 66)

Mariano utiliza esta delimitação para caracterização da Igreja Universal. Ele argumenta da seguinte forma:

Sobre as características do neopentecostalismo, destaco três aspectos fundamentais: 1) exarcebação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2) pregação enfática da Teologia da Prosperidade; 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade. (MARIANO, 2012, p. 36)

Portanto, a Igreja Universal é delimitada e caracterizada como neopentecostal. Em nossa pesquisa, analisamos um templo central desta igreja na cidade de Fortaleza. A IURD-TCF é considerada pelos seus frequentadores como uma catedral. Gomes (2011, p. 164) ressalta que “com as catedrais, a IURD mantém sua prática de se instalar em locais privilegiados na cidade, destacando sua marca visual no espaço.”. A sua localização é em um ponto estratégico da cidade, pois está próximo de vários pontos importantes na dinâmica urbana de Fortaleza.

Dentre os equipamentos urbanos existentes no entorno da IURD-TCF podemos destacar: a Praça e o Teatro José de Alencar; o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico – IPHAN; o Serviço Social do Comércio – SESC; o popularmente chamado “Beco da Poeira”, área ocupada por comerciantes de vestuário; o Tribunal Regional do Trabalho 7ª Região, SINE- IDT e uma agência anexada da Caixa Econômica Federal; o Centro de Dermatologia Dona Libânia, voltado aos pacientes

com problemas dermatológicos; o Hospital Geral Doutor César Cals e o Centro de especialidades Odontológicas do estado do Ceará. Temos nas imediações do templo vários equipamentos que se destinam ao comércio, à saúde, e ao trabalho e justiça. Assim, o templo da IURD se estabelece como um componente religioso em meio às funcionalidades promovidas nesta área central.

Sua localização também é estratégica devido ao acesso. Próximos ao templo estão parados de ônibus que seguem para a periferia da cidade e para região metropolitana, além da estação de metrô, que fica na Praça José de Alencar. A própria avenida onde situa o templo é um dos canais de acesso para quem vem da parte sul da cidade em direção ao Centro.

Os organizadores da instituição adotam espaços amplos para recepção de fiéis, utilizando o termo catedral para designar as sedes estaduais, nos quais são as maiores igrejas da IURD. Sobre isto, Gomes (2011), afirma que “as catedrais representam um marco para a IURD, um símbolo da consolidação do seu processo institucional”. Logo, as formas do templo se apresentam na paisagem no centro de Fortaleza, pois são exuberantes e chamam a atenção de quem passa em frente, tanto pelo tamanho, como pelos detalhes nela apresentados.

Para quem vê de fora, o templo se afirma como algo grandioso. De fato, a riqueza em detalhes e as formas no qual a igreja foi arquitetada e construída transmitem uma mensagem bem específica: “a concretização da ‘obra de Deus’.” (GOMES, 2011, p. 135). Isso reflete espacialmente na formação de geossímbolos (BONNEMAISON, 2002), uma vez que a identidade dos fiéis se substancia também pela grandiosidade da igreja no qual declaram sua fé e esperança.

Na entrada do templo, percebemos o uso do espaço para chamada de novos frequentadores. Na calçada em frente ao templo duas tendas da igreja. Na tenda há a frase: “Atendimento espiritual” (Figura 1). Este local é composto por mesas com panfletos e jornais da igreja e sempre há obreiros a disposição de quem chega pedindo informações ou orações. É uma tática de evangelização adotada pela igreja que permite uma livre escolha dos visitantes e/ou frequentadores porque está sempre aberta para atender a quem lá chega.

Figura 1: Tenda de atendimento em frente à entrada principal da IURD-TCF.



Fonte: SANTOS FILHO, 2016.

A IURD-TCF é um estabelecimento religioso que funciona em regime de plantão de atendimento e serviços regulares. As reuniões são diárias, cujos horários se distribuem ao longo do dia. De segunda a sábado temos reuniões às 6h30m, 8h, 10h, 12h, 15h e 19h30m. Na segunda acrescenta-se uma reunião às 21h. No domingo as reuniões acontecem às 7h, 9h30m, 12h, 15h e 18h30m. Entre os horários das reuniões coletivas ocorrem atendimentos espirituais, nos quais os pastores recebem os fiéis para um atendimento particular, fazem orações e anotam as frustrações dos fiéis para levá-los ao bispo que também faz oração por eles.

As reuniões e cultos são flexíveis à escolha do fiel ao tipo de experiência almeja. No caso da IURD-TCF, cada dia da semana há uma opção de prática, seja para expulsar demônios, seja para curas, seja para prosperidade, ou ainda para participar de uma campanha, etc. Acerca dos horários, há reuniões em momentos de baixo fluxo, como também de grande movimentação de membros, cabendo ao fiel decidir se quer um ambiente mais restrito ou se quer se esconder na multidão, uma vez que o grande número de pessoas as torna uma grande massa de pessoas “sem identificação”.

Junto à programação flexível, há uma liberdade de acesso. O estabelecimento fica sempre aberto e as pessoas podem circular livremente pela nave do templo. Inclusive há muitas pessoas que atravessam o quarteirão utilizando as entradas do templo, saindo da Avenida Tristão Gonçalves para a Rua 24 de Maio e vice-versa. As pessoas aproveitam que o templo é climatizado para fazer a travessia, livrando-se do calor do centro da cidade. Há aquelas que aproveitam a liberdade de acesso para descansarem, sentando-se nas poltronas do templo. Isso é evidentemente visto ao se chegar ao local, pois há reuniões cujos assentos não são ocupados. Além disso, há no templo banheiros e bebedouros disponíveis para qualquer pessoa. Por mais simples que pareça isso auxilia a muitas pessoas, pois não

há banheiros públicos no Centro, precisando às pessoas usarem banheiros particulares e comprar água de vendedores ambulantes.

Há algumas partes restritas ao público. Os locais exclusivos para pastores e obreiros são: o estacionamento interno; o prédio anexo e; uma estrutura auxiliar, que funciona como sala de obreiros e parte da imprensa da igreja. Salvo este último, os locais também seguem uma arquitetura exuberante aos olhos de quem vê, seja pelo tamanho, como por sua identificação com a igreja.

O grande destaque pra quem vê a IURD-TCF da rua é o seu tamanho e arquitetura. O modelo arquitetônico das catedrais da IURD é referente à “noção de ecletismo com referência ao neoclássico” (GOMES, 2011, p. 163). O neoclássico é um estilo arquitetônico

Descrito como um *revival* da Antiguidade clássica Greco-romana, principalmente na arquitetura, que, no contexto da Revolução Francesa, expressou a influência e o poder da nova classe dominante, a burguesia. As referências neoclássicas na arquitetura baseiam-se na grandiosidade e autoridade, principalmente expressas em fachadas de prédios ou em entradas principais. (GOMES, 2011, p. 163)

Isso mostra que a intenção por parte dos líderes da IURD é realmente transmitir sua potência enquanto igreja. Assim como a burguesia expressava sua emergência social, a IURD demonstra a sua emergência religiosa a partir de suas formas, principalmente pela sua fachada e tamanho, como é o caso da IURD-TCF (Figura 2).

Figura 2: Fachada principal da IURD-TCF.



Fonte: SANTOS FILHO, 2016.

Referentemente as suas formas, o templo impressiona pela grandiosidade. Para o acesso ao interior da igreja existem escadas, desnível este que seleciona a diferença entre espaços, pois marca uma passagem do espaço profano para o espaço sagrado.

Ressaltamos que o letreiro da igreja. O slogan UNIVERSAL, com letras azuis e a logomarca a esquerda do nome em cor vermelha identifica a igreja. Podemos perceber que outros templos da IURD usam o mesmo slogan. É um tipo de padronização da instituição.

Na parte de interior do templo, na nave, temos o espaço maior. O local acomoda, segundo uma placa anexada na entrada no templo, 3500 pessoas sentadas. Porém, a empresa responsável pela construção do templo admite comportar 3000 pessoas sentadas². As cadeiras são acolchoadas e reclináveis para a posição vertical, proporcionando que as pessoas fiquem de pé nos seus lugares. Cortando o espaço, existem três corredores, um mais próximo do altar, outro no meio do templo e um terceiro mais atrás. Estes corredores são para circulação de pessoas, mas também para circulação dos obreiros que ficam passeando pelo templo durante as reuniões e também por eles são entregues os amuletos de fé elencados pelos pastores.

O ambiente interno do templo é amplo, ao ponto de comportar nas laterais do altar dois telões fixos. Os telões servem para transmissão do culto em dias de maior concentração de pessoas. Inclusive, há no templo uma grua cinematográfica, no qual se instala uma câmera que capta imagens da reunião circulando pelas cadeiras do templo e focando imagens do alto, ressaltando a presença massiva dos fiéis. No entanto, ela só é usada em dias de maior público, ficando desativada nas outras reuniões, apesar de continuar fisicamente no local.

As portas isolam o ambiente interno da igreja, tanto visualmente como acusticamente. Elas são pintadas de branco na parte de dentro da igreja com vidros foscos, isolando totalmente a visão de quem está dentro e quem de quem está fora. Essas portas, de igual modo, barram o som que vem da rua, dando uma acústica diferenciada para quem está dentro. Em momentos de reuniões o som que paira é predominantemente a do pastor, sendo possível ouvir de maneira confusa as vozes dos fiéis em orações. Nos intervalos litúrgicos o silêncio predomina. Nem as buzinas de automóveis são capazes de ouvir quem está dentro do templo. Esse ambiente de silêncio até ajuda pra quem vai ao templo somente repousar. É como se dentro do templo a pessoa estivesse fora do centro de Fortaleza.

O teto possui uma aparência discreta, revestido de material sintético tampando os tubos de ventilação. Muitas lâmpadas são fixadas, o que faz do ambiente ser bem claro. No entanto, nem todas as luzes são acesas durante a semana. Como algumas reuniões são de baixo número de expectadores

² Fonte: FUJITA Engenharia. Disponível em: <<http://novo.fujita.com.br/projetos/obras-institucionais/>>. Acesso em: 15/02/2016.

e participantes, eles deixam as luzes do fundo desligadas, incentivando as pessoas a se dirigirem as proximidades do altar. Mais um motivo que levam pessoas ao templo em busca sossego. Além do silêncio, a pessoa desfruta da pouca luminosidade. No teto são fixadas algumas caixas de som e algumas câmeras de vigilância, mas devido à altura e a ausência de cores chamativas, são quase imperceptíveis aos frequentadores.

Outro ponto a se destacar na infraestrutura do templo é o sistema de ventilação. O ambiente é climatizado constantemente, sendo a temperatura bem abaixo do que está fora. Como o acesso é livre, muitas pessoas adentram ao templo, sem que seja de passagem, para se “refrescarem” com o clima artificial do templo.

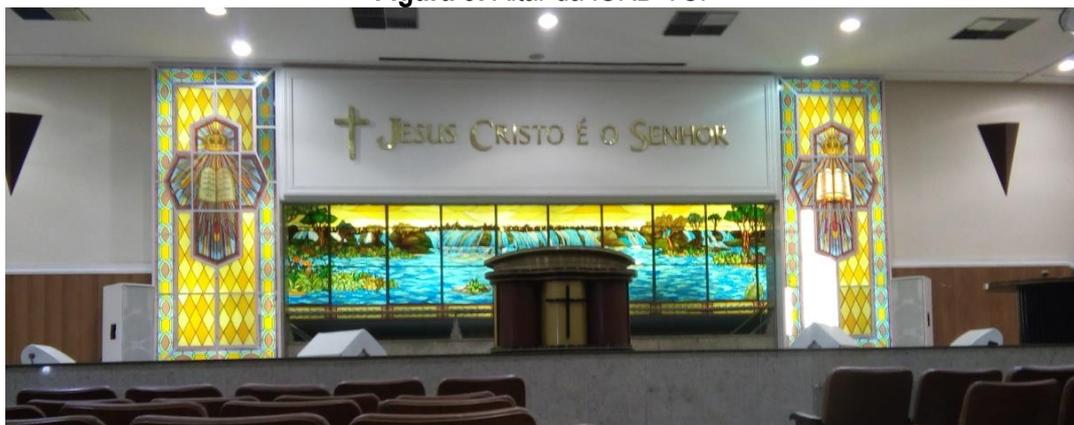
Disso percebemos que a IURD-TCF é um ambiente de intenção reconfortante aos visitantes. O ambiente é propício para o relaxamento e à acomodação de seus frequentadores, fiéis ou não. A tríade visão, som e clima transformam um ambiente religioso em um ambiente pacífico. A guerra espiritual pregada no templo é preenchida por uma paz planejada e eficiente que dá a sensação de que o transcendental existente dentro do templo conforta o que nele visita.

Já o piso do templo denota a riqueza do terreno. São revestidas de peças de granito e mármore, sendo modeladas nos corredores e no revestimento do altar. O piso também serve para demarcar espaços específicos de trânsito, orientando os usuários da igreja. É o caminho para o altar e espaço de poder, uma vez que delimita onde permanecer e onde fluir.

Contudo, de tudo que descrevemos até aqui sobre o ambiente interno da IURD-TCF, o grande destaque da paisagem da catedral é o altar. Este é destacadamente visível e de traços diferenciados em relação aos outros lados do templo. O altar é o local considerado central dentro do espaço sagrado. É nele que os pregadores ensinam e mostram a doutrina da igreja e os milagres presentes na vida das pessoas. É onde também se direcionam os olhares das pessoas que adentram no espaço sagrado. Ele é projetado para ser visto e para ser contemplado.

O cenário do altar é riquíssimo em detalhes. Temos elementos que só aparecem nesta parte do templo e é nele onde se colocam os objetos utilizados nas liturgias da igreja. O altar exhibe desenhos distintivos na paisagem da igreja e também é o local mais iluminado do templo. A riqueza de itens presentes no altar, bem como as cores e os detalhes fazem desse local uma atração perceptiva dentro da igreja (Figura 3).

Figura 3: Altar da IURD-TCF



Fonte: SANTOS FILHO, 2016.

Sobre o perfil dos entrevistados, observamos que a maioria está entre os 19 e 49 anos, com ensino médio completo e residente na periferia de Fortaleza. Neste caso, consideramos periferia os bairros que não fazem fronteira com o bairro onde situa a IURD-TCF. Estes bairros são distantes, o que faz necessário usar algum tipo de transporte para o deslocamento dos fiéis até a catedral. Também foi verificado que alguns moram na Região Metropolitana de Fortaleza. Outros residem em localidades a mais de 96 km de distância da sede estadual da Universal, como Paraipaba. O próprio deslocamento é algo a destacarmos, pois nos locais de moradia dos entrevistados possuem templos da IURD, mas ainda sim preferem, mesmo ocasionalmente, irem à catedral. E do total de entrevistados, mais da metade (56,5%) não frequentam a igreja Universal do bairro em que moram.

Procuramos saber os motivos que levam essas pessoas a preferirem a IURD-TCF à igreja local. Dentre os motivos, o que mais se repetiu relacionou-se à presteza que há no templo maior de Fortaleza. Um dos entrevistados disse ao responder esta questão: “porque tem mais atenção dos obreiros e pastores pra conversar.” (Jhonathan). Outros afirmaram ser por causa do pastor e por ser mais cômodo. A atenção dada pelos pastores e obreiros é notória tanto pela quantidade como pela disponibilidade, uma vez que há plantão de pastores, mesmo em horários diferentes dos cultos. A prontidão oferecida pela IURD-TCF atrai os fiéis a expressarem suas frustrações e desejos. Eles transparecem que na catedral eles se sentem acolhidos na hora que quiserem ou quando algo lhe aborrece.

Outra pergunta associada a esta foi saber qual a vantagem da catedral em relação à igreja do bairro. Nesta questão, a maioria das respostas focou o serviço dos pastores. Boa parte dos entrevistados utilizou a concepção de “força” para expressar a superioridade da catedral em relação às outras igrejas da instituição. Um dos entrevistados disse: “porque aqui você sente outra alma, as orações são mais fortes.” (Manuel). Outro colocou da seguinte forma: “Os pastores do bairro não tem a

fé como os daqui [catedral].” (Sandra). Ou seja, a “força” percebida pelos fiéis associa-se aos pastores que se situam no templo central. É um indicativo de que a administração dos serviços religiosos na catedral é mais qualitativa do que nos bairros. Mas o interessante é que os pastores e obreiros da catedral revezam com os dos bairros, conforme sua capacidade de cativar e ensinar as pessoas. Mariano (2012, p. 63) diz que “há uma forte correlação entre capacidade de arrecadação de recursos e promoção. [...] obedecem [os pastores] a um esquema de rodízio (permanecem por dois anos, no máximo, numa mesma congregação) e não gerenciam os recursos que arrecadam.”. Isso quer dizer que o fiel sente diferença entre os pastores influenciados pelo local onde exercem o sacerdócio.

A capacidade do sacerdócio vem de pessoas especializadas. Campos (1997) classifica os pastores da IURD como pastores-atores. Ele afirma que

o pastor-ator cria, a partir de um cenário apropriado, um ambiente ‘mágico’, no qual os membros do grupo são convencidos de que seus desejos e vontades poderão tornar-se realidade, graças à intervenção de forças visíveis apenas, através de quem pode enxergar com os olhos da fé. (CAMPOS, 1997, p. 94).

Ou seja, há uma confiança dos fiéis frente ao discurso do pastor, que está sempre disposto a contribuir para a vida sentimental do fiel que o procura. No caso da IURD-TCF, os encarregados de receberem os fiéis são sempre amigáveis e dispostos a orarem pelos membros e suas famílias.

Como se observa, há um elemento espacial envolvido nessa relação. Como vemos na citação acima, o pastor-ator carece de um cenário apropriado. Isso quer dizer que os elementos espaciais são importantes para efetivação da capacidade administrativa do pastor. O próprio formato do templo, composto por um o altar mais alto e o público mais abaixo, favorece ao discurso do pastor, ele tem a autoridade dada pelo altar do templo para ministrar as mensagens ao público. Neste sentido, as formas do templo ampliam a visibilidade, mas fornecem uma simbologia de poder ao pregador.

Um elemento importante inserido nos depoimentos acima é a utilidade que os fiéis percebem ao visitar a IURD-TCF. É evidente a procura dos serviços religiosos, porque “é o lócus privilegiado para a realização do milagre e, mesmo que o prodígio aconteça em casa, é no templo que ele é aprovado, legitimado e divulgado.” (CAMPOS, 1997, p. 134). Então quando se precisa de determinado serviço religioso (cura, prosperidade financeira, recuperação de familiar do mundo das drogas, retirada de um espírito imundo, etc.) ele procura o templo.

Adentrando mais a fundo nas entrevistas, temos os questionamentos voltados à compreensão do sagrado. Perguntamos se havia algo que ele considerava sagrado no templo; o porquê desta escolha e o que se considera como um lugar sagrado. Estas questões cobram do entrevistado uma

visão bem pessoal do que entendem por sagrado. Consideramos estas perguntas fundamentais para estabelecermos geossímbolos percebidos pelos que convivem com este espaço.

Dos 23 entrevistados, 18 afirmaram ser o altar o lugar mais sagrado da igreja. Esse dado é relevante para nossa compreensão de geossímbolo, pois como já assinalado por nós neste trabalho, Bonnemaïson (2002) estabelece ao símbolo um grau de identidade. O altar é a identificação que o fiel da IURD-TCF da presença divina. Isto foi observado em campo quando fiéis ao adentrarem na catedral se direcionavam ao altar e, de frente a ele encostando as mãos sobre a beirada, faziam uma oração silenciosa, de olhos fechados e cabeça baixa. Este rito geralmente durava alguns segundos e logo após o membro seguia a uma das cadeiras disponíveis no salão. Também avistamos que o sagrado se materializa na sua utilização por parte dos pastores. Estes são mais queridos à medida que comandam a liturgia no altar. Quanto mais vezes se ministra a pregação, maior confiança ganha dos fiéis.

Em relação à segunda pergunta referente ao sagrado, as respostas são associadas ao grau de percepção que têm da IURD-TCF. O sagrado é assimilado por eles por meio de sentimentos que aspiram. Dentre as respostas, obtivemos: “quando a gente sente a presença do Espírito Santo, eu me sinto todo arrepiado” (Jhonathan); “Cuidado espiritual, zelo dos pastores, pela própria vida deles.” (Thaís); “Um lugar que tenha paz.” (Ivanildo); “quando se tem respeito, tranquilidade” (Jorge Ivan); “Paz de espírito, bem estar.” (Elaine); “Fidelidade acima de tudo.” (Cristiane). Características se apresentam como: arrepio, zelo, paz, respeito, tranquilidade, bem estar, fidelidade, um conjunto de atitudes ou qualidades que diferenciam da vida frenética de um centro comercial.

O templo transmite estas características, pois são sensações atribuídas a um lugar sagrado. Eles vivenciam no templo estas sensações. Deste modo, recria um ambiente desejado, ou segundo Eliade (1979, p. 57) “o homem religioso experimenta a necessidade de existir sempre num mundo total e organizado, num Cosmos”. Este Cosmos se organiza de tal forma que se podem sentir aquelas sensações descritas nas entrevistas.

Cabe neste momento enfatizar a importância de uma interpretações fenomenológica a partir das percepções aqui descritas. Neste caso, o essencial

deste entendimento não é o juízo de valor pré-definido (supondo que laços mais profundos e perenes sejam melhores), mas é entender que é nesta ontologia que as experiências e as essências geográficas (lugar, paisagem, espaço, região e território) se constituem.” (MARANDOLA Jr., 2012, p. 90).

Isto quer dizer, em nosso estudo, que o importante é entender como os fiéis do templo vivenciam o espaço e de que maneiras eles participam ativamente no espaço. Podemos ver isto por meio das representações simbólicas que atribuem aos espaços do templo.

Essa captação ocorre por meio da interação perceptiva que o sujeito estabelece corporalmente em sua relação com o lugar. Ou seja, “o corpo representa a transição do ‘eu’ para o ‘mundo’, ele está do lado do sujeito e, ao mesmo tempo, envolvido no mundo. O corpo constitui o ponto de vista do ser-no-mundo.” (HOLZER, 2010, p. 249). Isto remete que a presença dos fiéis no templo cria uma percepção diferente daqueles que são estranhos ao local, pois os símbolos são assimilados de modos distintos.

Assim, são importantes os símbolos para a compreensão deste espaço sagrado. Pois pelos significados atribuídos coletivamente é que se promove uma identificação com as formas, dotando-as de uma simbologia específica capaz de comunicar ser o templo uma fonte irradiadora do sagrado. Ainda segundo Eliade (1979, p. 218) “porque graças aos símbolos que o homem sai da sua situação particular e se abre para o geral e para o universal. Os símbolos despertam a experiência individual e transmudam-na em acto espiritual, em compreensão metafísica do mundo.”. Os símbolos são representações construídas pelos fiéis durante os cultos.

Para quem frequenta o templo, o tamanho e a estrutura são equivalentes à força divina na propagação da igreja pela cidade. Mesmo existindo mais de uma centena de templos na cidade, é a catedral que sustenta simbolicamente a presença da igreja na cidade, pois mesmo quem frequenta uma IURD na periferia concebe a catedral como o “templo maior”.

Neste sentido, a centralidade simbólica da IURD-TCF é eminente para quem frequenta o templo por atender os direcionamentos administrativos do bispo e pastores, mas também é representação de presença da instituição na cidade para quem não a frequenta. Quem vê de fora percebe que a igreja está operante e é exitosa em sua propagação pela cidade. Para o frequentador é a resposta divina para quem o busca e quer vencer neste mundo. É a materialidade do poder divino. Também podemos expressar que

A IURD investe na construção de um vínculo com o “indivíduo errante” e também com o “praticante”, de modo a possibilitar uma identificação e permanência na igreja. Compromisso e fidelidade são cobrados em troca de espaço para a inserção de seus filhos na instituição. (GOMES, 2011, p. 147).

Ou seja, a IURD-TCF é um espaço que transmite significados a partir de suas formas. Especialmente, ela é um geossímbolo, no qual perpassa uma igreja poderosa para o “indivíduo errante”, isto é, o que apenas passa em frente ou visita, mas também como uma igreja permanente e legítima para o fiel, aquele que frequenta assiduamente. Além disso, ela demonstra constância e prontidão, devido seu modo de atendimento aos fiéis ou visitantes.

O altar é um local especial para o fiel da IURD-TCF. Ele possui elementos que testificam a sacralidade do lugar. É um componente da paisagem que transmite não somente as formas, mas as relações entre fiéis e a divindade, uma vez que transmite simbolicamente um local de ligação com Deus.

A célebre frase da Igreja Universal do Reino de Deus: JESUS CRISTO É O SENHOR também se constitui um geossímbolo do altar importante para a percepção do fiel. Não é somente a frase em si, mas tudo que está simbolizado nela. A começar pelas letras colocadas no alto do altar. São letras grandes e de cor dourada. O dourado claramente demonstrando a riqueza que a frase exprime ao fiel. Ao lado esquerdo da frase também está uma cruz também dourada. A junção simbólica da cruz com a frase explicita ainda mais a confissão de fé existente no templo. Jesus Cristo não é somente o Messias, mas rico em valor espiritual e sentimental. A frase é estampada no altar de modo que ao se olhar para o altar, automaticamente se observa o letreiro. Assim, o altar ganha um novo significado, um espaço de salvação e a frase estampada no alto aponta para essa confissão.

Considerações finais

Portanto, destacamos a importância simbólica que a IURD-TCF tem para seus frequentadores. Sua localização é um dos fatores que tornam possível sua simbologia, pois é uma centralidade religiosa em meio a várias centralidades espaciais. O centro da cidade, com seus equipamentos urbanos atraem fluxos para si. Neste caso, a IURD-TCF se apropria da centralidade urbana do Centro para exercer sua simbologia religiosa. Para isto, utiliza-se das formas simbólicas espaciais representadas pelo templo. A monumentalidade do templo é moldada para despertar nos fiéis um local irradiador do sagrado.

O altar é o espaço principal da IURD-TCF. Nele o fiel encontra uma centralidade simbólica por meios dos valores buscados pelo fiel e resultante da doutrinação proposta pelos organizadores do templo. Isto é, diante do altar o fiel adquire a ligação, a salvação, o perdão, a riqueza e a proteção prometidos por Deus. No entanto, a realização dessas ações e da referência ao altar é fortemente pregada pelos pastores da igreja. Podemos assim dizer que o discurso eclesial existente no espaço santifica o lugar e valoriza o templo como local onde se realizam as trocas simbólicas. É do altar que se “chega a Deus”.

A percepção dos sujeitos, por meio da relação corporal permite dar novos significados aos locais simbolizados pelo grupo, mesmo que sejam significados além do proposto pelo grupo de pastores, uma vez que há uma relação corporal entre o sujeito e o espaço. Neste caso, a presença do fiel no templo é exigida para que se percebam esses significados estabelecidos no espaço sagrado. No

nosso empírico fica evidente a presença do fiel é necessária para que receba as promessas, daí afirmarmos que o templo é geossímbolo para os fiéis da IURD-TCF e também o local principal do templo.

Referências

- BONI, Valdete e QUARESMA, Sílvia Jurema. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. v. 2 n. 1, janeiro-julho/2005, p. 68-80.
- BONNEMAISON, Joël. *Viagem em torno do território*. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Geografia Cultural: um século*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p. 83-132.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. I Ed. Petrópolis – RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997, 502p.
- CLAVAL, P. *Geografia Cultural: um balanço*. Geografia (Londrina), Londrina, vol. 20, n. 3, set./dez., 2011, p. 05-24.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *Espaço e simbolismo*. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (orgs.). *Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*. I Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 133-154.
- COSTA, Otávio José Lemos. *Sertões de canindé: uma interpretação geossimbólica da paisagem*. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: Eduerj. n. 26, dez. 2009, p. 35-55.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Traduzido por Rogério Fernandes. Coleção vida e cultura. I Ed. Lisboa: Livros do Brasil, 1979, 237p.
- FICKELER, Paul. *Questões fundamentais na geografia da religião*. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: Eduerj. n. 7, 1999, p. 7-35.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1992. Tese. 114 f. (Doutorado em Sociologia). Campinas: IFCH-Unicamp, 1993.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião*. Curitiba: Ibplex, 2008.
- GOMES, Edlaine de Campos. *A era das catedrais: a autenticidade em exibição*. I Ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2011, 252p.
- HOLZER, Werther. *A construção de uma outra ontologia geográfica: a contribuição de Heidegger*. Geografia, Rio Claro, v. 35, n. 2, mai./ago. 2010, p. 241-251.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010*. Resultados da amostra – Religião – Fortaleza - CE. Disponível em: Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010. <<http://cod.ibge.gov.br/1CFL>>. Acesso em: 04/09/2016.
- LIMA, Elias Lopes de. *Do corpo ao espaço: contribuições da obra de Maurice Merleau-Ponty à análise geográfica*. Geographia, Niterói, ano 9, n. 18, p. 65-84, fev., 2010.
- MARANDOLA JUNIOR, Eduardo. *Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos geográficos de existência*. Geografia, Rio Claro, v. 37, n. 1, jan./abr. 2012, p. 81-94.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. IV ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012, 246p.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Traduzido por Carlos Alberto Ribeiro de Moura. IV Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, 662p.
- OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. *Festas religiosas, santuários naturais e vetores de lugares simbólicos*. Revista da Anpege. São Paulo, v. 7, n. 8, p. 93-106, ago./dez., 2011.
- OLIVEIRA, Hélio C. M. de. *Espaço e religião, sagrado e profano: uma contribuição para a Geografia*. Caderno Prudentino de Geografia. Presidente Prudente, v. 2, n. 34, ago./dez., 2012, p.135-161.

PEREIRA, Clevisson Junior. *Geografia da Religião e a teoria do espaço sagrado: a construção de uma categoria de análise e o desvelar de espacialidades do protestantismo batista*. Curitiba, PR: CRV, 2014.

PEREIRA, Luis Andrei Gonçalves; CORREIA, Idalécia Soares; OLIVEIRA, Anelito Pereira de. *Geografia fenomenológica: espaço e percepção*. Caminhos de Geografia, Uberlândia, v. 11, n. 35, 2010, p. 173-178.

ROSENDAHL, Zeny. *Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade: a temporalização do espaço sagrado*. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: Eduerj, n. 35. p. 09-25. Jan./jun., 2014.

_____. *A dimensão do lugar sagrado: ratificando o domínio da emoção e do sentimento do ser-no-mundo*. In: Geo-Working Papers [on line]. Guimarães – Portugal: Lasics, Série Investigação. N. 14. p. 5-14. 2008. Disponível em: <

<http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/geoworkingp/article/view/444>>. Acesso em: 07/01/2016.

SOARES, Telma Viana. *Dos espaços do sagrado: uma análise do templo maior da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD em Fortaleza-CE*. [Dissertação de mestrado]. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2013.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. *Geografia e percepção: uma interpretação introdutória da fenomenologia de Merleau-Ponty*. I Ed. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2012, 132p.

(Recebido em 22-11-2016; 1ª rodada: 15-02-2017 a 23-06-2017; 2ª rodada: 23-06-2017 a 30-06-2017; Aceito em 29-09-2017)